

# SOCSCI

## **Inquérito às Associações Científicas Portuguesas: principais resultados**

Maio de 2011

Ana Delicado (ICS-UL; coord.); Raquel Rego (SOCIUS-ISEG); Inês Pereira (CIES-IUL); Cristina Palma Conceição (CIES-IUL); Luís Junqueira (ICS-UL); Cristiana Bastos (ICS-UL); Patrick Figueiredo (ICS-UL)

No âmbito do projecto SOCSCI – Sociedades Científicas na Ciência Contemporânea, que tem por objectivo identificar e compreender o papel desempenhado pelas associações no sistema científico português, foi aplicado um inquérito a associações com o fim de aprofundar o conhecimento sobre as organizações recenseadas e circunscrever com maior exactidão as fronteiras do universo de estudo.

O questionário do inquérito foi construído com base na revisão da literatura existente e inclui questões sobre as características das associações, actividades, estrutura

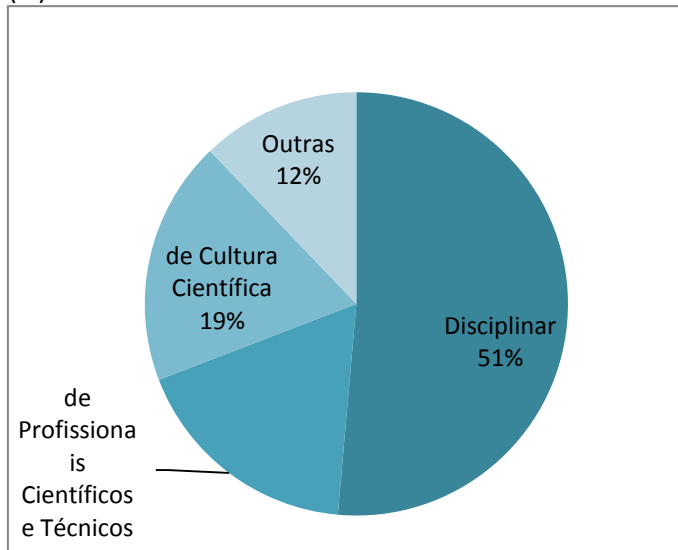
interna, publicações, recursos humanos e financiamento, ligações a outras associações nacionais e internacionais e a outras entidades dentro e fora do campo científico. O inquérito foi colocado online, através da ferramenta SurveyMonkey, e disponibilizado num ficheiro de processamento de texto. Para o seu preenchimento, foram contactadas 380 associações recenseadas para as quais foi possível obter um endereço de email, que em 43 casos se revelou já não estar activo, pelo que a dimensão final da amostra se cifrou em 337. Foram recebidas 107 respostas, correspondentes a uma taxa de 31,8%.



Laboratório Associado



**Figura 1** Distribuição das associações científicas por tipo (%)



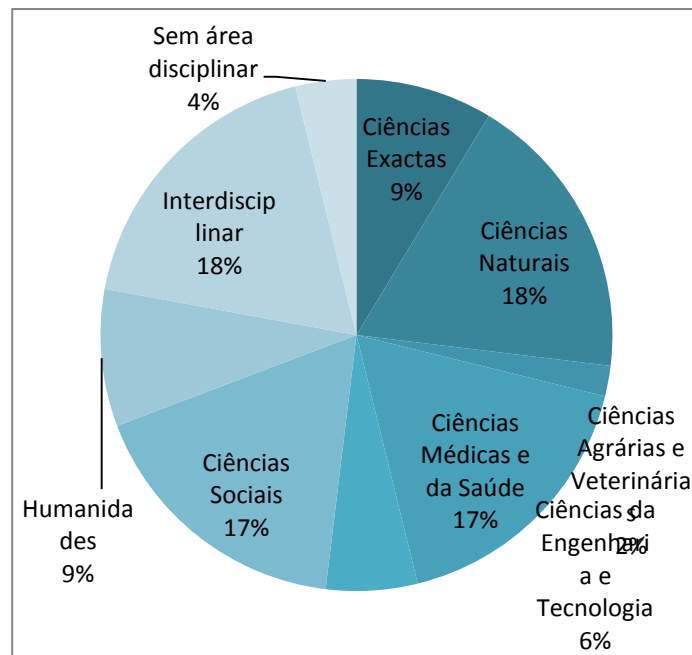
N= 107

Considerando a classificação concebida para efeitos do recenseamento de associações (**Figura 1**) verifica-se a predominância das associações disciplinares, seguidas das associações vocacionadas para a cultura científica.

Mais de metade das associações inquiridas (52%) são da área das

ciências naturais ou afins, menos de um quarto (26%) são da área das ciências sociais e humanas e as restantes são interdisciplinares ou sem área disciplinar (**Figura 2**). O predomínio das associações de ciências naturais e afins não é surpreendente, tendo em conta, por um lado, a sua maior fragmentação, por outro lado, a sua história mais antiga, em particular em Portugal.

**Figura 2** Distribuição das associações científicas por área disciplinar (%)



N = 104

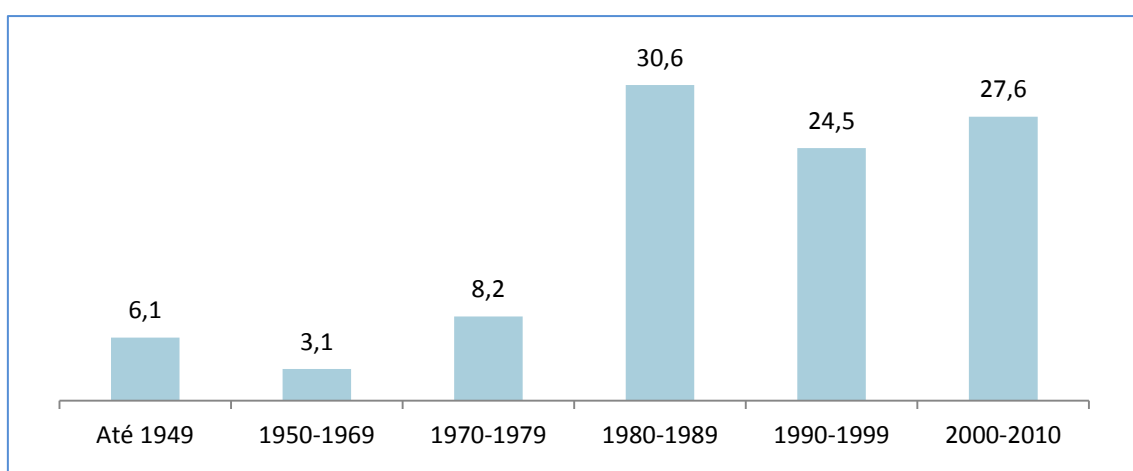
A esmagadora maioria das associações da amostra (83%) foi criada no período posterior ao 25 de Abril de 1974 (**Figura 3**).

As associações científicas surgem sobretudo com a implementação do regime democrático em Portugal e com a

instituição da liberdade de associação através do Decreto-Lei n.º 594/74, de 7 de Novembro, embora o seu desenvolvimento esteja relacionado também com outras esferas da vida pública, em particular com acentuado crescimento do sistema científico.

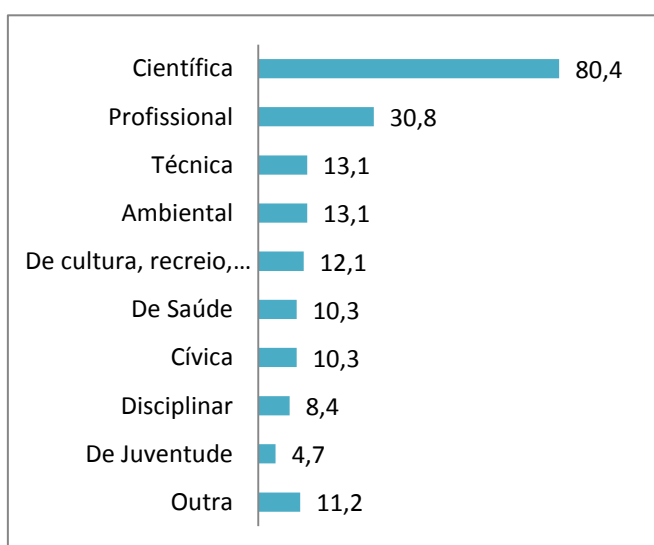
No que toca à distribuição dos diferentes tipos de associações pela sua data de fundação nota-se que as associações de cultura científica são sobretudo um fenómeno recente, em crescimento desde a última década do século XX (85% foram criadas depois de 1990).

**Figura 3** Distribuição das associações científicas por ano de fundação (%)



N = 103

**Figura 4** Distribuição das associações científicas por natureza (%)



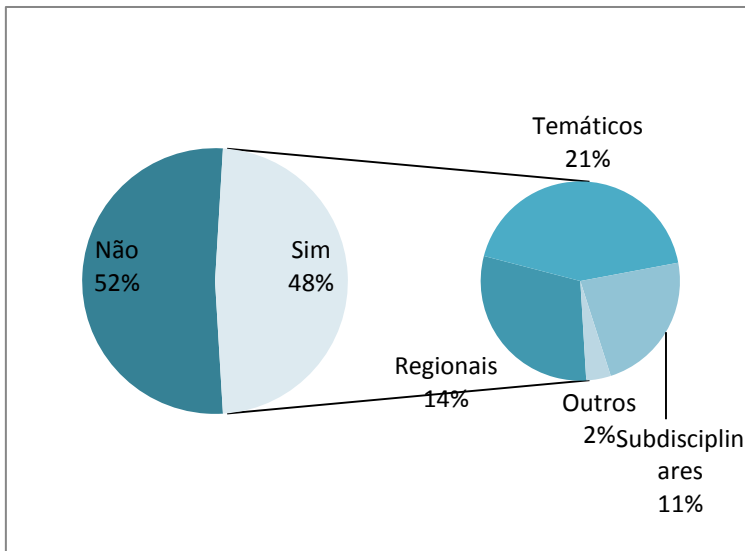
N = 107

Relativamente à natureza da associação (**Figura 4**), tendo em conta as várias vertentes da acção de muitas das associações presentes na base de dados e a aferição da sua auto-definição, constata-se que uma esmagadora maioria das associações inquiridas (cerca de 80%) reconhece o carácter científico, sendo a valência profissional o atributo mais referido em segundo lugar (com cerca de 30% de respostas).

A estrutura organizacional da amostra evidencia um claro predomínio do âmbito geográfico nacional das associações científicas: 90% das associações assinalam

que a sua acção abrange todo o país, pelo que apenas 10% dizem ter âmbito regional ou local.

**Figura 5** Divisão das associações científicas em núcleos

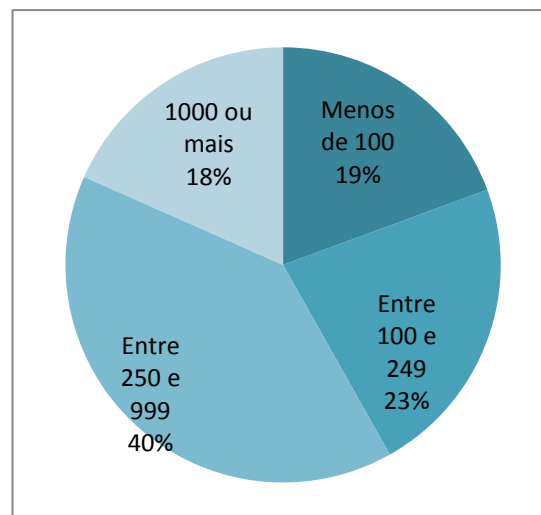


Quase metade das associações (48%) diz ter algum tipo de estrutura descentralizadora (núcleos ou secções), sendo a maior parte de tipo temático (Figura 5).

N = 106

De acordo com as respostas dadas grande parte das associações inquiridas (40%) tem entre 250 e 999 membros (Figura 6). As restantes associações são sobretudo de dimensão inferior, com menos de 100 membros em 18% dos casos e entre 100 e 249 membros em 22%. Existem ainda 19% de associações de dimensão superior com 1000 ou mais membros.

**Figura 6** Distribuição das associações por volume de associados



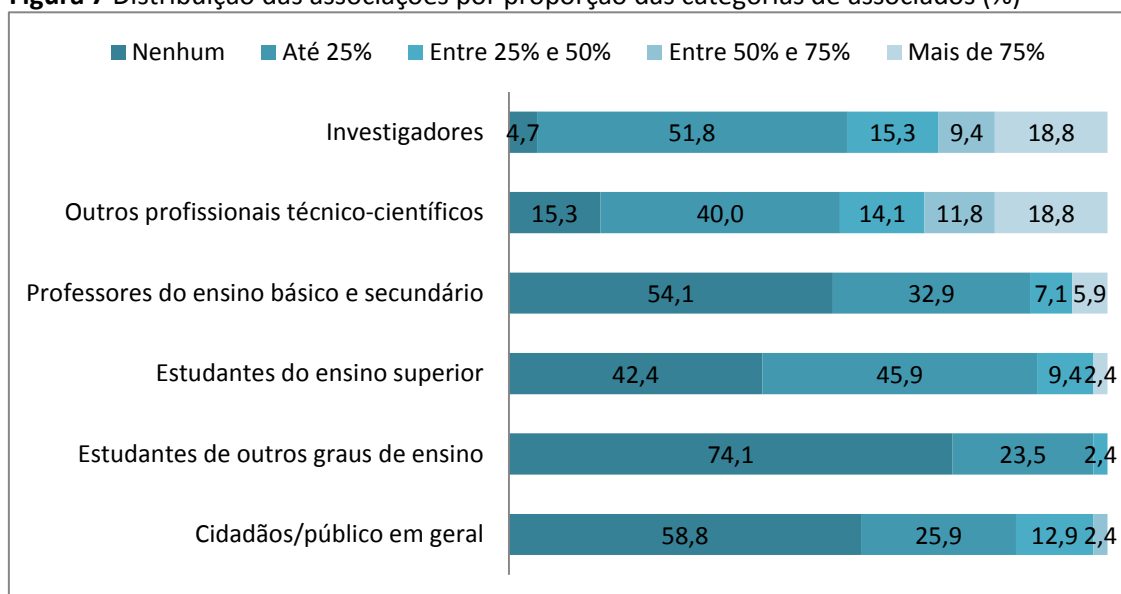
N = 98

Tendo em conta a forma como o número de associados se distribui pelo tipo de associação, é de salientar que as associações de maior dimensão são as de profissionais científicos e técnicos, entre as quais 80% tem 500 associados ou mais. Já as associações de

cultura científica são as de menor dimensão, visto que 61% tem menos de 200 associados.

Não citar sem permissão

**Figura 7** Distribuição das associações por proporção das categorias de associados (%)



N = 85

Quanto à distribuição das várias categorias de associados (**Figura 7**) é interessante notar o peso muito importante dos profissionais com especialização científica entre os membros das associações inquiridas. A maioria das associações inquiridas conta com investigadores (95%) ou outros profissionais científicos e técnicos (85%) entre os seus associados e em cerca de metade dos casos constituem mais de 25% do total de associados.

As restantes categorias de membros apenas estão presentes em cerca de metade das associações inquiridas. Os professores do ensino básico e secundário estão presentes em 45% das associações, os estudantes do ensino superior em 58%. Nos casos em que estão presentes estas categorias contam uma proporção pequena do total de associados,

constituindo mais de 25% do total de associados em apenas cerca de 15% das associações. De referir também que mais de metade destas associações (59%) não admite como associados cidadãos ou público em geral.

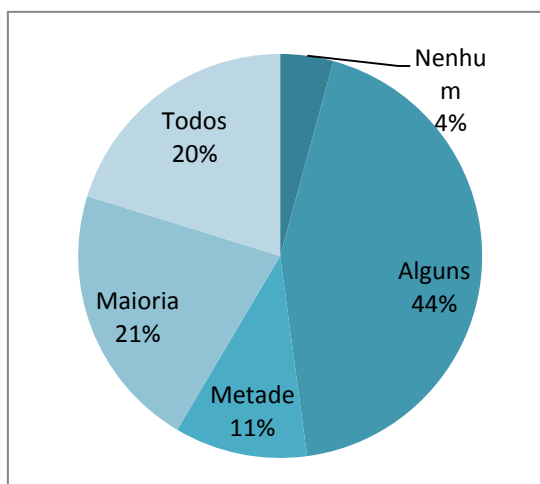
Quando temos em conta a presença das categorias de associados nos diferentes tipos de associações mostra-se importante fazer a distinção entre as associações onde são predominantes os profissionais – nas associações disciplinares e de profissionais científicos e técnicos - e aquelas onde estes apesar de presentes em números relevantes partilham a presença na associação com estudantes dos vários graus de ensino e com o público em geral – nas associações de cultura científica e outras associações. Nas associações disciplinares os investigadores ou

Não citar sem permissão

profissionais constituem, em média, 40% do total de associados enquanto nas associações de profissionais têm uma proporção média próxima de 30% e 20%. As restantes categorias de membros constituem menos de 10% do total de associados deste tipo de associações, com excepção da grande proporção (47%) de professores de ensino básico e secundário

entre as associações de profissionais. Os outros tipos de associações revelam uma distribuição mais equilibrada dos diferentes tipos de associados, em que a proporção de estudantes dos diferentes graus de ensino e de público em geral é em média muito próxima ou mesmo ligeiramente superior à proporção de investigadores e profissionais.

**Figura 8** Distribuição das associações por participação de investigadores nos órgãos sociais (%)



N = 85

É igualmente relevante perceber como a importância dos investigadores nas associações se reflecte a nível de participação nos órgãos sociais (**Figura 8**). Neste sentido, é de notar que também nos órgãos sociais das associações os investigadores têm uma presença importante fazendo parte dos órgãos de 96% das associações inquiridas. Além disso existe uma proporção relevante de associações (42%) em que os investigadores asseguram a maioria ou a totalidade dos cargos nos órgãos sociais.

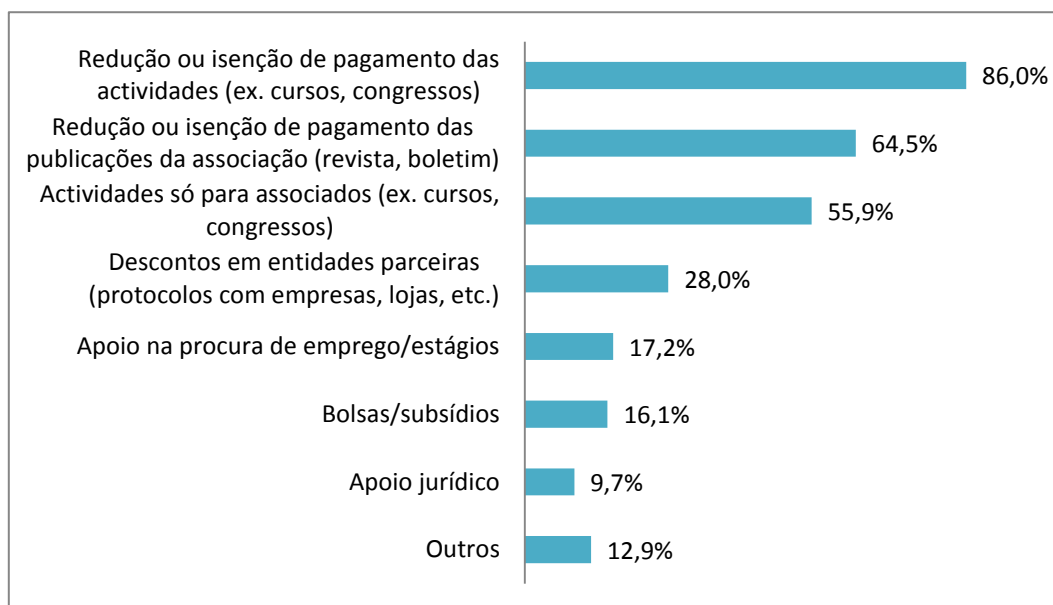
Observando os resultados relativos aos benefícios oferecidos pelas associações aos seus sócios (**Figura 9**), é interessante verificar que maioria aposta sobretudo na sua natureza científica como forma de atrair os associados, oferecendo vantagens de acesso às suas actividades científicas. Em 86% dos casos, as associações proporcionam aos associados uma redução ou isenção no pagamento das suas

actividades e em 65% no pagamento das suas publicações. Em 56% das associações são oferecidas actividades de acesso exclusivo para associados.

Outras vantagens oferecidas com menor frequência incluem descontos em entidades parceiras (28%), bolsas ou subsídios (16%), apoio na procura de emprego ou estágios (17%) e apoio jurídico (10%).

Não citar sem permissão

**Figura 9** Benefícios proporcionados pelas associações aos associados (%)



N = 93

De acordo com os dados obtidos, entre as principais actividades das associações científicas inquiridas (**Figura 10**) destacam-se a promoção de encontros, momentos de formação e mecanismos de comunicação que poderão visar não somente a partilha de informação entre especialistas na área científica em causa (muitos dos quais eventualmente associados) mas, também, a comunicação face a públicos mais alargados e não necessariamente especializados.

Mais concretamente, é de salientar o elevado número de associações que referem a organização regular de congressos e seminários científicos (71%), de cursos de formação (52%) e de acções de divulgação científica dirigidas ao público

em geral (52%). Igualmente relevante é a percentagem de associações que afirma editar regularmente algum tipo de publicação científica (49%) e disponibilizar informação de carácter técnico-científico através de bibliotecas, centros de documentação ou outros mecanismos (48%). Outras formas de comunicação, dirigidas a públicos não especializados – como a realização acções de divulgação para crianças e jovens (no ensino básico ou secundário) ou a produção de comunicados, conferências de imprensa ou outras formas de colaboração com os meios de comunicação social – surgem ainda com especial frequência entre as actividades regulares de boa parte das associações inquiridas.

**Figura 10** Frequência das actividades de índole científica desenvolvidas nos últimos 5 anos (%)



N = 105

A organização de congressos, seminários ou outros encontros científicos tende a ser relativamente mais predominante entre as associações disciplinares (84% fazem-no regularmente) e de profissionais técnico-científicos (78%) bem como entre aquelas que actuam nos domínios das ciências aplicadas (89%) e das ciências sociais (74%).

A edição de publicações científicas, transversal às diversas áreas disciplinares, é também mais preponderante entre as associações disciplinares (55%) e de profissionais (67%).

No caso das actividades dirigidas a públicos não especializados – como acções de

divulgação para o público em geral, ou para jovens estudantes do ensino básico e secundário – nota-se, como seria de esperar, uma maior preponderância deste tipo de funções nas associações de cultura científica (84% com regularidade). No que toca às actividades de divulgação científica para o público em geral, as associações de cultura científica continuam a ser as que mais investem nestas actividades (74% fazem-no com regularidade), mas associações disciplinares assumem também um papel importante (51% com regularidade).

Outro tipo de actividades frequentes, pese embora mais raramente referidas como

**Não citar sem permissão**



regulares, são o envolvimento directo em algumas actividades de investigação científica (36% ocasionalmente, 26% frequentemente), a representação de interesses de algumas classes profissionais junto de órgãos relevantes (metade das associações que responderam ao inquérito e cerca de um quarto de forma regular) ou, ainda, o desenvolvimento de funções de apoio à definição de políticas e decisões públicas.

Como seria de esperar, as funções de representação de interesses profissionais tende a assumir especial preponderância entre as associações de profissionais técnicos e científicos, muito em especial quando se trata de representar outros profissionais que não investigadores (78%). No caso particular da defesa dos interesses profissionais da classe dos investigadores, a estas juntam-se outras associações, nomeadamente as associações a actuar em específico no domínio da promoção da cultura científica, sendo estas actividades praticadas com regularidade em 50% e 37% dos casos, respectivamente. O peso das associações de cultura científica na prática destas funções poderá indicar que a realização de acções de divulgação científica não será completamente alheia ao intuito de credibilizar e reforçar o reconhecimento social da figura do cientista em Portugal.

Os casos de promoção directa de actividades de investigação – através da concessão de financiamentos, prémios ou bolsas – tendem a ser mais escassos, ainda que não menosprezáveis (26% regularmente, 18% de modo ocasional). Esta actividade é mais recorrente entre as associações disciplinares (36%) e mais antigas (36%).

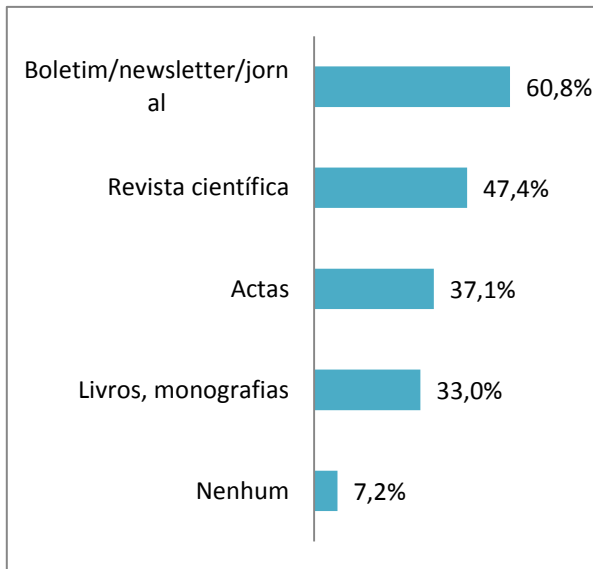
Parece relativamente frequente, por parte das associações científicas, a produção de pareceres ou de documentos de aconselhamento científico tendo em vista o apoio à decisão política e à tomada de decisões administrativas (51% ocasionalmente, 23% com maior regularidade). Já a assunção de funções de representação em órgãos consultivos de políticas de teor científico tende a ser mais escassa (36% ocasionalmente, 11% regularmente), sendo mais recorrente entre as associações de profissionais: exactamente metade afirma realizar actividades de produção de aconselhamento científico e 28% assumem regularmente representação em órgãos consultivos.

Finalmente é de referir que a prestação de serviços de consultoria técnico-científica ou outros por parte das associações científicas tende a assumir-se também como uma actividade relativamente ocasional. Bastante escassos são, por seu

turno, os casos de associações que operam algum tipo de transferência de conhecimento especificamente dirigida a

empresas ou de credenciação da actividade profissional de investigadores ou outros.

**Figura 11** Edição de publicações pelas associações (%)



N = 97

Os restantes três tipos de publicações são menos frequentes. A revista surge como o segundo tipo de publicação mais editado sendo editada por quase metade (47%) das associações inquiridas. Menos frequentes são as publicações de natureza não periódica – livros e actas – referidas por cerca de um terço das associações.

É interessante notar que é entre as associações de profissionais especializados, sejam disciplinares ou de profissionais científicos e técnicos, que a publicação de revistas científicas se mostra mais frequente, ainda que apenas por cerca de

Os resultados de outras questões sustentam a importância da publicação nas actividades das associações científicas inquiridas (**Figura 11**). O número de associações que não produzem qualquer tipo de publicação é reduzido (apenas 7% das associações inquiridas). De entre os tipos de publicação são mais frequentes as publicações de natureza informativa e menos formal como boletins, newsletters ou jornais, que são editados por 61% das associações inquiridas.

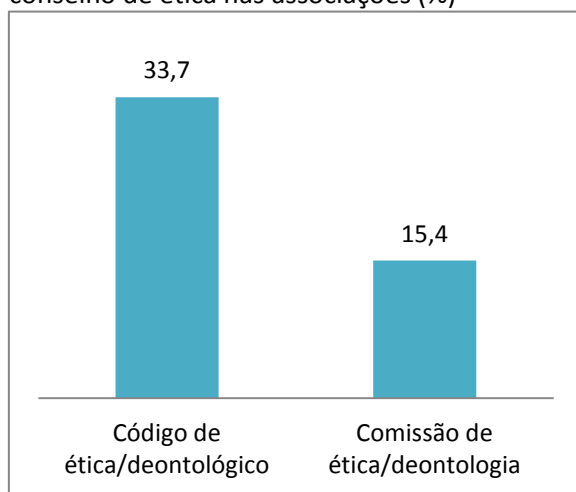
metade associações de cada um destes tipos (57% e 47%). As associações de cultura científica revelam também um valor muito significativo deste género de publicações (39%), ficando em aberto a questão de averiguar as eventuais diferenças entre as revistas científicas publicadas por estas associações e as das associações de especialistas. Por último é interessante notar o maior número de associações da área das ciências aplicadas que publicam actas – 58% contra cerca de 30% nas outras áreas disciplinares. Esta diferença é coerente com a maior

frequência com que estas associações organização congressos e outros eventos científicos.

Os públicos a que as associações inquiridas dirigem as suas publicações permitem fazer uma distinção bastante clara entre dois tipos de publicações: aquelas que se dirigem sobretudo a indivíduos com formação especializada e aquelas que se dirigem a um público alargado. O primeiro grupo é constituído pelas revistas científicas e as actas que são sobretudo dirigidas a investigadores, a profissionais científicos e técnicos e com menor

frequência a estudantes de ensino superior. As associações referem dirigir este tipo de publicações a outro tipo de públicos em menos de 40% das respostas. O segundo grupo é constituído pelos boletins, newsletters ou jornais e pelos livros para os quais os públicos especializados continuam ter um lugar de destaque mas em que os restantes públicos são apontados com mais frequência - especialmente o “público em geral” que é referido em 63% e 75% das respostas respectivamente.

**Figura 12** Existência de código de ética e conselho de ética nas associações (%)



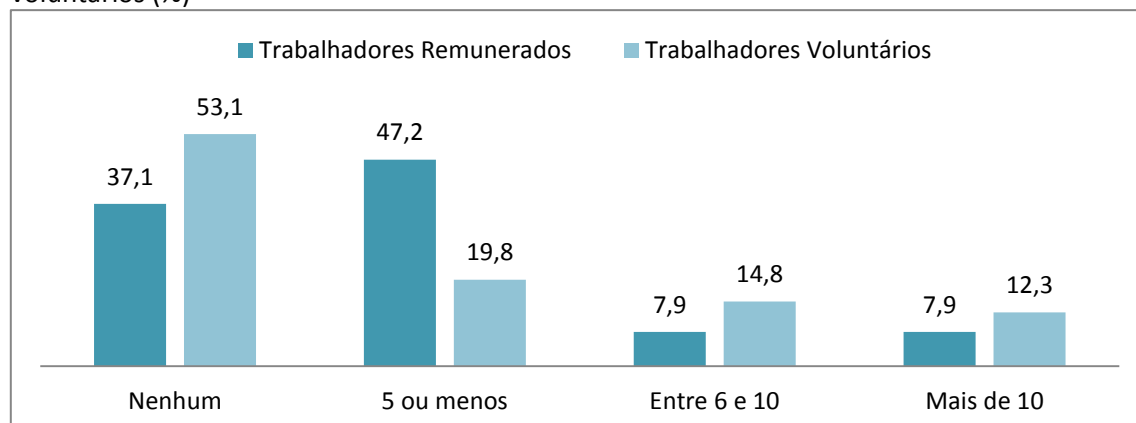
N = 92 e 91

Os resultados das perguntas relativas à função ética (**Figura 12**) mostram que esta está ausente na maioria das associações inquiridas, pois

menos de metade (34%) assinala ter código de ética; destas cerca de metade tem um conselho de ética (15%); e por sua vez menos de metade destes conselhos teve alguma actividade nos últimos 5 anos para além da redacção do código.

De notar ainda que a maior parte destas respostas provem das associações de vocação profissional, das quais 57% afirma ter um código de ética e 29% um conselho com funções nesta área. No que toca a variações por área disciplinar é também relevante o maior número de associações da área das ciências aplicadas (ciências da saúde, engenharias e tecnologias) que têm conselhos de ética/deontologia (35%).

**Figura 13** Distribuição das associações por número de trabalhadores remunerados e voluntários (%)



N = 89 e 81

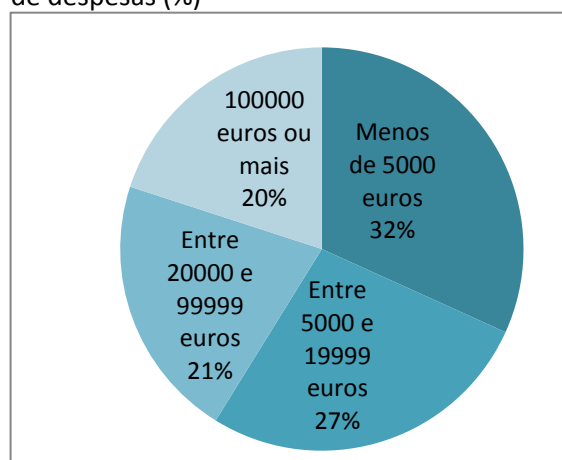
No que toca aos recursos humanos (**Figura 13**), as respostas das associações mostram que a grande maioria (mais de 70%) conta com nenhum ou com um número reduzido (menos de 5) de trabalhadores remunerados e voluntários.

Em relação à distribuição pelo tipo de associação, temos por um lado as associações disciplinares e de profissionais científicos e técnicos, com mais recursos,

que lhes permitem, ainda que de forma limitada, auxiliar o trabalho dos órgãos sociais com o recursos a trabalhadores remunerados - quase 70% têm pelo menos um trabalhador remunerado-, e por outro as associações de cultura científica que dependem sobretudo de uma participação voluntária para apoiar o seu funcionamento – apenas 13% não contam com nenhum voluntário.

Quanto à distribuição do volume de despesas das associações (**Figura 14**) é importante referir que estão em maioria as associações com menores recursos financeiros disponíveis. Quase um terço das associações inquiridas afirma ter tido um volume de despesas inferior a 5 mil euros durante 2009 e apenas cerca de 20% afirma ter um volume de despesas superior a 100 mil euros.

**Figura 14** Distribuição das associações por volume de despesas (%)

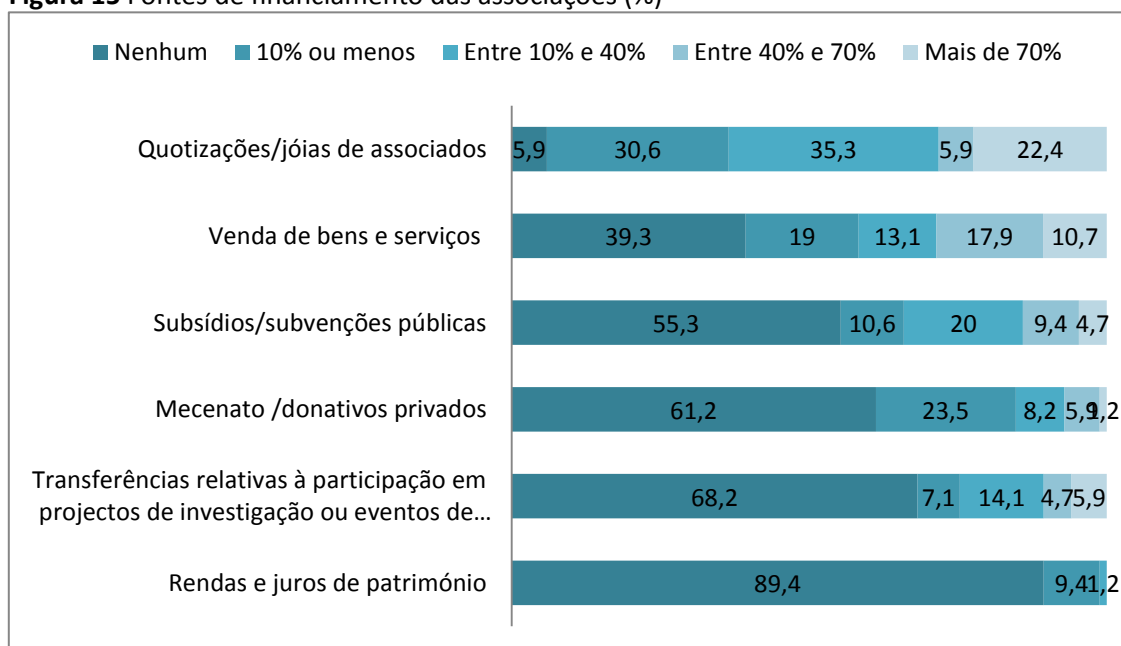


N = 85

É de nota a diferença entre as associações disciplinares e de cultura científica por um lado e as associações de profissionais científicos e técnicos e outras associações por outro, que têm um volume de despesas superior às primeiras. A proporção de associações com volume de despesas superior a 100 mil para as

primeiras é de cerca de 15%, enquanto para as últimas é de 25% e 42%, respectivamente. Também é interessante referir que é entre as associações de cultura científica que são mais frequentes volumes de despesas inferiores a 5000 euros (44%).

**Figura 15** Fontes de financiamento das associações (%)



N = 85

Verifica-se que as associações dependem sobretudo de rendimentos próprios para assegurar as suas actividades, especialmente das quotas e jóias dos associados (**Figura 15**). Cerca de metade das associações não contam com subvenções publicas ou donativos privados entre os seus rendimentos e não chegam a 20% as que dependem de um ou outro destes rendimentos em mais de 40%. Por último, é bastante claro o peso reduzido de Não citar sem permissão

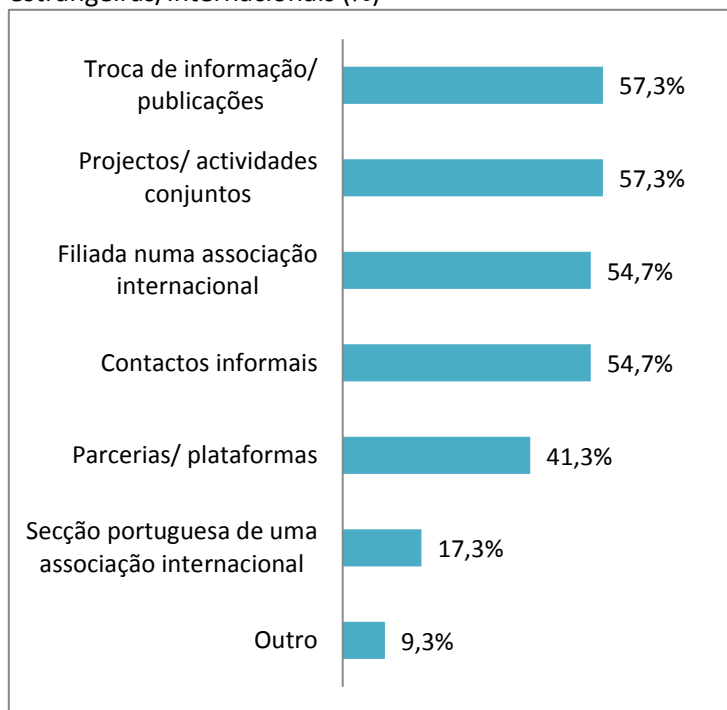
rendas e juros de património entre as receitas das associações.

Procurou-se ainda através deste inquérito apreciar o grau de integração das associações científicas portuguesas, nomeadamente pelo desenvolvimento de contactos entre si e com congéneres estrangeiras. Verifica-se que a grande maioria (84%) das associações afirma manter contactos com outras associações científicas, tanto portuguesas como

estrangeiras. É no entanto de destacar que perto de 16% das associações inquiridas se

encontrem numa situação de “isolamento” face a congéneres.

**Figura 16** Tipo de contactos mantidos com associações estrangeiras/internacionais (%)

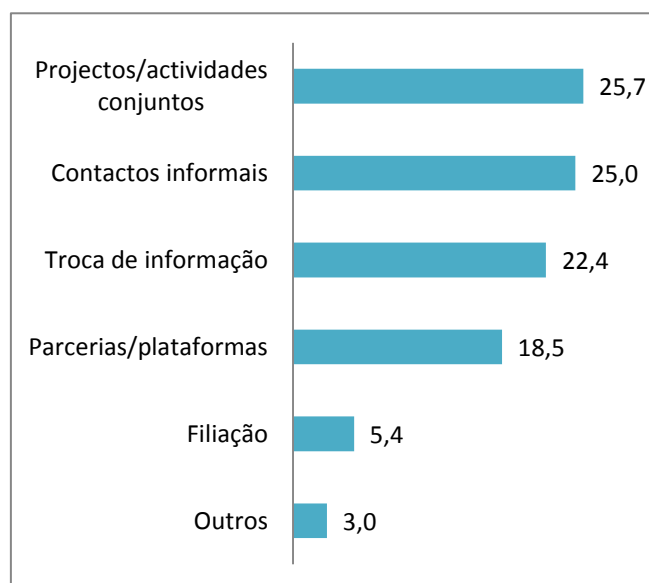


Quanto à natureza dos contactos com associações estrangeiras/internacionais (**Figura 16**), predominam os projectos e actividades conjuntos, as relações de filiação e a troca de informações e publicações com cerca de metade das associações a indicarem este tipo de contacto.

N = 75

Instados a identificar as 6 principais associações científicas portuguesas com que são mantidos relacionamentos e o tipo de contactos estabelecidos (**Figura 17**), os inquiridos referiram tanto os contactos que pressupõe ligações mais ténues entre as associações – contactos informais (25%) e a troca de informação (22%) – como outros que implicam relações de maior compromisso e formalidade – projectos/actividades conjuntas (26%) e parcerias/plataformas (19%).

**Figura 17** Tipos de contactos mantidos com outras associações científicas portuguesas (%)



N = 68

**Figura 18** Proporção de associações que contactam com instituições do campo científico (%)



N = 75

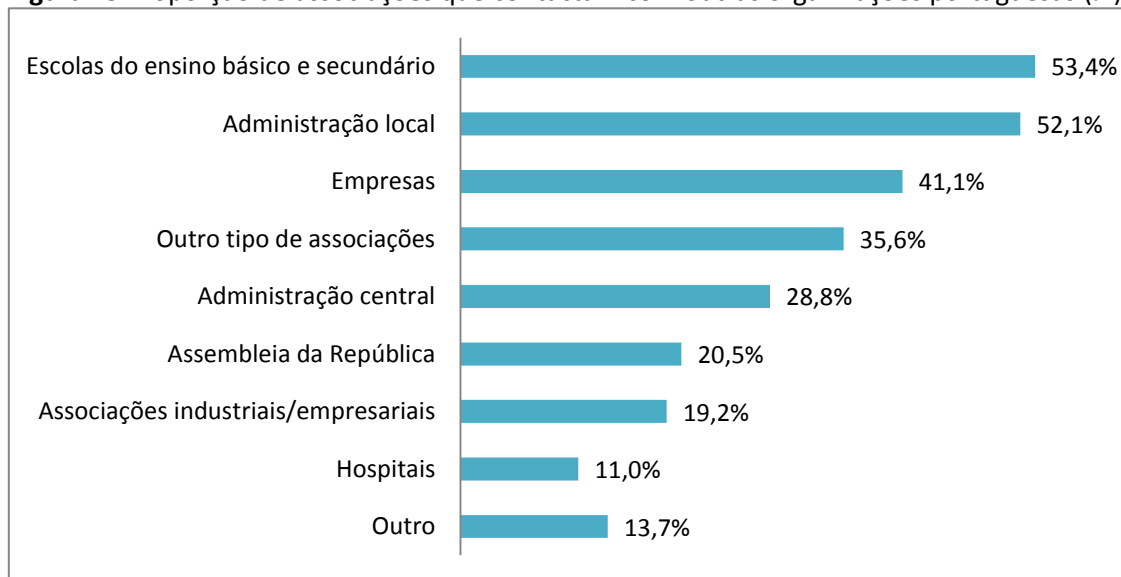
Quanto a contactos de colaboração, projecto ou parceria formal com outros actores do campo científico (**Figura 18**), constata-se a preponderância das relações entre as associações e os estabelecimentos de ensino superior e a Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Tal reflecte não só a centralidade do ensino superior no sistema científico português, mas também a proximidade ao principal organismo financiador da actividade científica.

Não foram encontradas variações significativas neste domínio, a não ser uma maior frequência de contactos das associações de cultura científica e das associações das ciências naturais com a Agência Ciência Viva (75%), que é a principal entidade promotora (e financiadora) de acções nesta área.

Fora do campo científico (**Figura 19**), as associações mantêm mais frequentemente contacto com escolas do ensino básico e secundário (53%) e administração local (52%). Também é importante referir o contacto das associações inquiridas com empresas, que se verifica em 41% dos casos e com associações de natureza não-científica para cerca de um terço das associações inquiridas.

Também nesta questão se verificam poucas variações significativas, com excepção para o contacto com escolas, mais frequente nas associações de cultura científica e outras associações (77% e 83%) e também para o contacto mais frequente das associações de profissionais com a Assembleia da República (54%) e a Administração Central (46%).

**Figura 19** Proporção de associações que contactam com outras organizações portuguesas (%)



N = 76

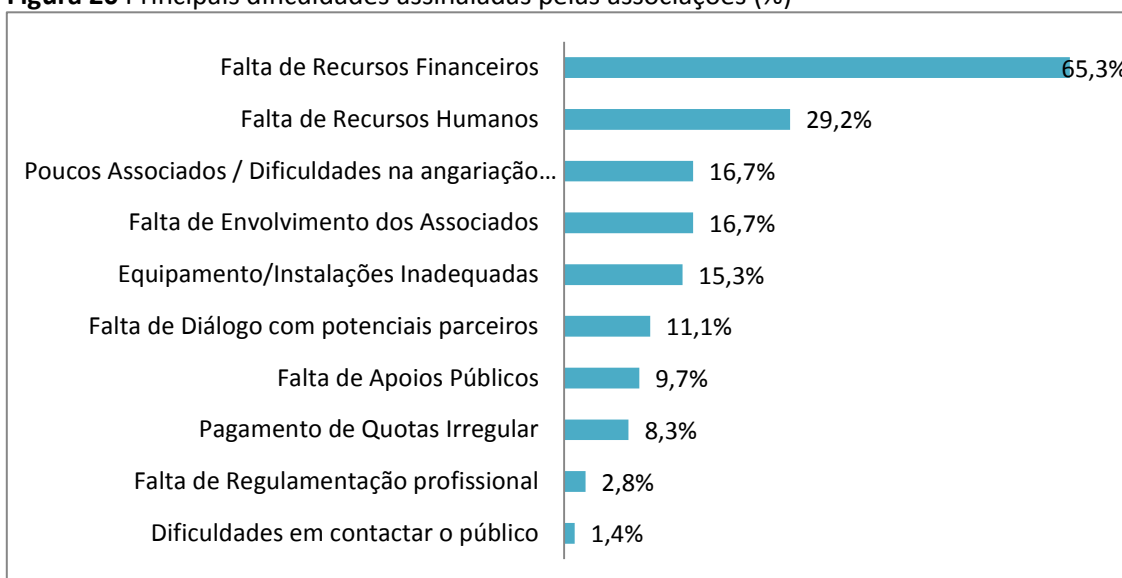
Quanto às dificuldades vividas pelas associações (**Figura 20**), e de salientar que a maioria das respostas (64%) refere as dificuldades económicas e a falta de recursos financeiros como um dos principais problemas sentidos. Se se somar a este valor os 6% que referem o problema do pagamento de quotas irregular e os 10% que referem a falta de apoios públicos (que poderá corresponder, embora não necessariamente a falta de apoios financeiros) e ainda os 15% que indicam problemas a nível de instalações e equipamentos (o que também poderá derivar de dificuldades financeiras). Os problemas relativos aos recursos humanos das associações surgem logo em seguida, com 28% dos inquiridos a referir o problema da falta de Recursos Humanos, 18% a mencionar a falta de associados e a

dificuldade na captação de novos associados e 15% a salientar o pouco envolvimento dos associados.

Neste domínio há que destacar as associações de cultura científica que apontam com mais frequência dificuldades financeiras (71%), de equipamento ou instalações desadequadas (31,3%) ou de falta de apoios públicos (23,5%). Por outro lado, estas associações não apresentam como dificuldade a angariação de novos sócios ou o número reduzido dos mesmos, que é referida por 21,6% das associações disciplinares e por 40% das associações de profissionais. É ainda interessante notar que é entre as associações de maior dimensão que mais se sentem dificuldades a nível financeiro, que são apontadas por 78% das associações com 500 ou mais associados.



**Figura 20** Principais dificuldades assinaladas pelas associações (%)



N = 72

Os resultados deste inquérito permitem conhecer as principais características, actividades, recursos e constrangimentos das associações científicas portuguesas. Porém, terão de ser complementados com a informação resultante das próximas fases do projecto de investigação.

**Projecto SOCSCI Sociedades Científicas na Ciência Contemporânea**

Instituições participantes: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (coord.), CIES-IUL, SOCIUS-ISEG

Financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/CS-ECS/101592/2008)

<https://sites.google.com/site/projectosocsci/>

Contacto: ana.delicado@ics.ul.pt

Não citar sem permissão